

## A SABEDORIA DE PASCAL

### THE PASCAL'S WISDOM



Delmar Cardoso \*

#### RESUMO

O texto visa a analisar o pensamento de Pascal em seu contexto histórico específico, tempo em que a filosofia vivia o embate entre a Escolástica, que se autodenominava aristotélica, e a nova filosofia iniciada por Descartes, conhecida como a filosofia do *cogito* ou da subjetividade. Ao se distanciar de ambos, Pascal faz o seu próprio caminho, o qual consiste em assumir a tensão existente entre a ciência e o ser humano. No caso de Pascal, o ser humano é antes de tudo o cristão. Busca, outrossim, compreender a noção de progresso, intrínseca à própria noção de ciência, entendendo caber aos seres humanos de cada tempo a tarefa de investigar e conhecer a natureza, tomando como fontes, a *experiência* e o *raciocínio*. Para Pascal, a tarefa de conhecer pode ser levada a cabo por causa dos *sentidos*, com os quais nos é dada a possibilidade de fazer experiência da natureza, e pela *matemática*, que explicita a capacidade humana de pensar a respeito da experiência feita.

**PALAVRAS CHAVE:** Pascal; experiência; raciocínio; sabedoria; verdade

#### ABSTRACT

The text aims to analyze Pascal's thinking in its specific historical context, a time when philosophy lived the clash between Scholastic philosophy, which entitled itself Aristotelian, and the new philosophy initiated by Descartes, known as the *cogito* philosophy or subjectivity philosophy. In moving away from both, Pascal made his own path, which consists in assuming the tension there is between science and human being. In Pascal's case, human being designates overall the Christian individual. He seeks, likewise, to comprehend the notion of progress intrinsic to the very notion of science, understanding it's up to human beings of each time the task of investigating and knowing nature, based on *experience* and *reasoning*. To Pascal, the task of knowing can be undertaken through *senses*, due to which the possibility of experiencing nature is given to us, and through *mathematics*, which make explicit the human capacity to think about the experience realized.

**KEYWORDS:** Pascal, experience, reasoning, wisdom, truth.

---

Palestra proferida no ciclo *Convite ao Pensar*, A Sabedoria dos Filósofos: Pascal, em 27/10/2102, na PUC Minas. Mantivemos a linguagem oral da palestra.

\* Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da FAJE. Belo Horizonte, MG.

Muitos têm o hábito de usar relógio de pulso, apesar de que se nota certa diminuição na utilização de tal indumentária, com a chegada de novos instrumentos tecnológicos, os quais não poderão ser simplesmente chamados de telefones celulares, pois têm funções equivalentes às de um computador. O fato é que o relógio de pulso firmou-se como símbolo do domínio técnico da presença humana sobre a terra. Usando um relógio ao pulso, o homem se mostra senhor do tempo, enquanto alguém capaz de planejar e atuar sua intervenção no mundo. Pois bem, este hábito de usar relógio no pulso é algo que começou na modernidade e há um testemunho de como Blaise Pascal o utilizou:

A Senhorita Périer me disse [ao padre Pierre Guerrier] que o Sr. Pascal, seu tio, usava sempre um relógio preso ao pulso esquerdo. Quando o Sr. Quesnel, irmão do padre Quesnel, terminou o retrato do Sr. Pascal, que morrera fazia vários anos, mostrou-se esse retrato a um número bastante grande de pessoas que tinham conhecido aquele grande homem. Todos acharam perfeitamente parecido. A Srta. Périer mostrou-o a um relojoeiro de Paris, que trabalhara frequentes vezes para seu tio, e perguntou-lhe se reconhecia o retrato. “É o retrato, disse o homem, de um senhor que esteve aqui muitas vezes para mandar consertar o relógio, mas eu não sei o nome dele”.<sup>1</sup>

Este episódio bem nos pode inspirar para a nossa conversa sobre a sabedoria de Pascal. Usar o relógio ao pulso denota vontade de domínio sobre o tempo e ao mesmo tempo a consciência de que nós existimos nele. Nesse sentido, há que dizer que Pascal pertence aos tempos modernos, enquanto situação histórica.

Pascal veio ao mundo em 19 de junho de 1623 e faleceu em 19 de agosto de 1662, com a idade de apenas 39 anos. Para conhecê-lo vamos dividir nossa palestra em quatro partes, a saber: 1) natureza; 2) razão e coração; 3) miséria e grandeza do ser humano; e, 4) o “Deus dos filósofos” e o “Deus de Jesus Cristo”.

Antes, porém, de iniciar um pequeno percurso de apresentação do pensamento de Pascal, convém-nos fazer menção à sua obra escrita. Pascal quis ter escrito um texto cujo título deveria ter sido algo como *Apologia do Cristianismo*. São os apontamentos feitos em vista da publicação desta obra que conhecemos sob o título de *Pensées*<sup>2</sup>. Estes *Pensamentos* pertencem a alguém que não se identifica

---

<sup>1</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Edição, apresentação e notas de Louis Lafuma. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 435.

<sup>2</sup> Dispomos de uma tradução da edição de Louis Lafuma, cuja vantagem consiste em ter conservado a disposição na qual os textos de Pascal foram encontrados, obedecendo neste sentido a classificação dele. Outras edições preferiram modificar a classificação original de Pascal. Cf. PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Edição, apresentação e notas de Louis Lafuma. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Faremos referência a esta edição.

totalmente com o seu tempo. Daí que vale a pena, chamarmos Pascal de pensador, como o fez H. Vaz, em um texto que se referia a Ortega y Gasset, mas que podemos muito bem aplicar a Pascal:

O pensador, nós o entendemos como quem busca o ser e o sentido das coisas, cansa-se por descobrir e explorar as raízes ocultas que correm por debaixo da indiscreta agitação de ramos com que nos solicita o mundo dos fenômenos. O pensador é explorador, mas o móvel de sua aventura para as profundezas é o secreto anelo de articular por dentro a ondulante desordem que se descobre no mundo a experiência.<sup>3</sup>

Na verdade, evitar chamar Pascal de filósofo tem um significado de honestidade para com ele próprio. No tempo de Pascal, a filosofia vivia o embate entre a Escolástica, que se autodenominava aristotélica, e a nova filosofia iniciada por Descartes, conhecida por nós como a filosofia do *cogito* ou da subjetividade. Ora, Pascal se distancia de ambos, ou melhor, faz o seu próprio caminho, o qual consiste em assumir a tensão existente entre a ciência e o ser humano. No caso de Pascal, o ser humano é antes de tudo o cristão.

## Natureza

Pascal rompe com a tradição que ditava a regra de basear o estudo da natureza somente recorrendo aos antigos, vale dizer, principalmente a Aristóteles. Pascal tem respeito pelos antigos. Afinal, foram eles que iniciaram o estudo da natureza. Mas não basta ser arqueólogos da ciência. É preciso ir além dos resultados alcançados pelos antigos. Isso quer dizer que a noção de progresso é intrínseca à própria noção de ciência e que cabe aos seres humanos de cada tempo a tarefa de investigar e conhecer a natureza. E para realizar isso há duas fontes: a *experiência* e o *raciocínio*, isto é, a tarefa de conhecer pode ser levada a cabo por causa dos *sentidos*, com os quais nós é dada a possibilidade de fazer experiência da natureza, e pela *matemática* que explicita a capacidade humana de pensar a respeito da experiência feita.

Enquanto homem de ciência, Pascal repete a experiência do discípulo de Galileu, Evangelista Torricelli (1608-1647), e se convence da existência do vazio, contra os cânones da ciência de então. Daí o compromisso de Pascal em criticar a filosofia escolástica, para a qual natureza padecia de um profundo *horror vacui* (horror ao vazio), uma vez que, na concepção científica de então, todos os

---

<sup>3</sup> VAZ, Henrique. *Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História*. São Paulo, Loyola, 2001, p. 91.

espaços que parecem livres, na verdade, estão preenchidos por matéria misteriosa e desconhecida, invisível aos nossos olhos. Para Pascal, tal matéria não existe, justamente porque não se faz experiência dela. Os fenômenos atribuídos ao *horror vacui* são explicados como efeitos do peso e da pressão do ar.

Façamos um salto na compreensão pascaliana da natureza e constatemos que há dois infinitos nela: o infinitamente grande e o infinitamente pequeno.

Em matemática, é possível sempre aumentar as dimensões de uma grandeza. Podemos aumentar uma linha, uma superfície ou uma série de números. Daí que é preciso admitir a existência daquilo que é *infinitamente grande*. Por outro lado, também é sempre possível dividir toda grandeza em partes menores, daí que também é possível admitir a existência do *infinitamente pequeno*. É fácil aplicarmos essa tese à natureza.

## **Razão e coração**

Os sentidos e as experiências mostram-se como as bases da ciência para Pascal e, portanto, são muito importantes para ele. Mas não são tudo, ainda que tenham sido o motor da vertente científica de Pascal. Sem isso, não há conhecimento. Em outras palavras, para conhecer a natureza é preciso utilizar-se do método da matemática. Essa atitude de base da metodologia científica é o que Pascal chama de *esprit de géometrie*.

A geometria não pode utilizar a pretensão de um conhecimento no qual todos os termos sejam definidos e todas as proposições sejam demonstradas, pois isso significaria um recurso ao infinito, o que, aliás, já era bem conhecido de Aristóteles e dos escolásticos. Daí que se intui o significado de algumas noções mesmo que a definição delas não seja dada. Pense-se em noções simples como número, ponto, linha, superfície, espaço, movimento. De modo semelhante, se intui também a verdade de algumas proposições, mesmo que não nos sejam demonstradas.

Tais intuições são possíveis por causa da *evidência* com a qual os objetos se nos apresentam. A partir de tais intuições, a geometria é capaz de demonstrar seus teoremas de um modo dedutivo, colocando-se assim a meio caminho entre a pretensão de demonstrar tudo e a pretensão de não demonstrar nada. Em suma, o *esprit de géometrie* consiste na capacidade de intuir o significado das noções simples e também de intuir a verdade dos axiomas, em virtude de sua evidência. Vê-se aqui um aproximação entre Pascal e Descartes.

No entanto, Pascal vai além. As verdades conhecidas pelo espírito de geometria, ainda que nos permitam conhecer a natureza, não têm nenhuma importância para o mais essencial do ser humano, vale dizer, conhecer a natureza não diz nada com respeito ao *sentido* da vida humana. As verdades relativas ao sentido da vida humana se encontram no âmbito da religião e da moral e podem ser conhecidas por uma capacidade diferente, chamada por Pascal de *esprit de finesse*, fineza de espírito ou sensibilidade espiritual. Observe-se que se trata também de uma capacidade intuitiva. No entanto, é uma intuição que pertence mais à ordem dos sentimentos e não tanto à ordem da razão. Esta intuição encontra-se imune à influência das paixões. Em outras palavras, o *esprit de finesse* é a capacidade de intuir o bem e distinguir bem e mal.

Chegamos, pois, ao centro da distinção pascaliana que nos interessa: *raison* e *coeur*.

Razão tem a ver com espírito de geometria e diz respeito ao conhecer científico ou matemático. A razão expressa-se na capacidade de intuir e deduzir. Coração tem a ver com o *esprit de finesse*. Coração é um termo de ampla semântica em Pascal: é capacidade intuitiva em geral e é também a capacidade intuitiva das verdades da moral e da religião. Vejamos duas famosas passagens dos *Pensamentos*:

O coração tem razões que a razão desconhece; sabe-se disso em mil coisas.  
 Digo que o coração ama o ser universal naturalmente e a si mesmo naturalmente, conforme ao que se dedica, e ele se endurece contra um ou outro à sua escolha. Rejeitastes a um e ficastes com o outro; será pela razão que vos amais? [423]  
 É o coração que sente a Deus e não a razão. Eis o que é a fé. Deus sensível ao coração, não à razão. [424]

Só o coração permite compreender e aceitar as provas históricas e morais sobre as quais o cristianismo está fundamentado, ou seja, é com o coração que se pode compreender as verdades dos testemunhos, da tradição e dos milagres. A fineza de espírito torna evidente a limitação de conhecimento que se recusa a ir até aquelas verdades que fundamentam a existência humana. Vê-se nitidamente aqui uma distância entre Pascal e Descartes. No entanto, fique dito que Pascal não admite outras formas de racionalidade além da razão matemática. Em outras palavras, para Pascal — e nisso ele concorda totalmente com Descartes — a racionalidade na sua forma mais elevada se exprime na matemática.

## Miséria e grandeza do ser humano

Podemos dizer que a obra escrita de Pascal possui dois grandes assuntos: o ser humano e o ser divino.

A concepção de ser humano está sintetizada na afirmação de que ele se encontra a meio caminho entre os dois infinitos que caracterizam a natureza: o infinitamente grande e o infinitamente pequeno.

(...)

Pois afinal que é o homem na natureza? Um nada com relação ao infinito, um tudo com relação ao nada, um meio entre o nada e o tudo, infinitamente afastado de compreender os extremos; o fim das coisas e seus princípios estão para ele invencivelmente escondidos num segredo impenetrável. [199]

A miséria do ser humano vem à tona. Ela mostra-se a ele quando ele próprio se percebe um nada em relação ao infinito. Diante da afirmação e compreensão do infinito, há que admitir que o ser humano é fraco e frágil, é incapaz de resistir às paixões que o movem por dentro, é incapaz de conhecer adequada e cabalmente todos os fenômenos. Acrescente-se a isso o relativismo das opiniões, as quais se evidenciam como “uma inversão contínua do pró e do contra”. [93]

No entanto, o ser humano é dotado de pensamento e isso o coloca incomparavelmente numa posição superior a toda e qualquer realidade material. Eis a grandeza do ser humano. Como o nosso filósofo nos esclarece: “Pelo espaço, o universo me compreende e me engole como a um ponto: pelo pensamento, eu o compreendo” [113]; ou, em outra passagem em que Pascal compara o ser humano a um *roseau pensant* :

O homem não é senão um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo. Mas, ainda que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que aquilo que o mata, pois ele sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele. O universo de nada sabe.

Toda nossa dignidade consiste pois no pensamento. É daí que temos de nos elevar, e não do espaço e da duração que não conseguiríamos preencher. Trabalhemos, pois, para pensar bem: eis o princípio da moral. [200]

Não há como não notar a existência de uma contraposição entre corpo e espírito. O corpo liga o ser humano à natureza em todos os seus níveis, inclusive os mais baixos. O espírito eleva o ser humano acima da própria natureza material, isto é, ao pensamento. Pascal inclui-se também no dualismo de Descartes entre *res extensa* e *res cogitans*.

Outro elemento importante da concepção antropológica de Pascal consiste na crítica feita por ele ao *divertissement* (diversão). Observa-se frequentemente que os seres humanos procuram divertir-se. Ninguém quer sofrer. Para Pascal, a busca de diversão, distração e prazer denota uma tentativa de esconder e esquecer a própria miséria. *Diversão* vem do Latim: *de-vertere*, levar para longe de alguma coisa. Daí que a diversão é a maior miséria do ser humano, porque o distrai e desvia de uma autêntica reflexão a respeito de sua própria condição. Assim, a diversão desvia o ser humano do seu anelo interno de salvação.

A única coisa que nos consola de nossas misérias é a diversão. E no entanto é a maior de nossas misérias. Porque é ela que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte. [414]

Há uma alternativa à diversão: a religião, a qual foi vivida de modo muito intenso por Pascal. Chegamos, pois, ao segundo conteúdos dos *Pensamentos* e ao último item de nossa conversa.

## O “Deus dos filósofos” e o “Deus de Jesus Cristo”

Um dos textos mais emblemáticos de Pascal é o que foi denominado de *Memorial*. O famoso fragmento 913, o texto encontrado, após a morte de Pascal, costurado dentro do forro colete dele, no qual o nosso filósofo contrapõe o “Deus dos filósofos” e o “Deus de Jesus Cristo”. Pascal vive em primeira pessoa, e não teme exprimir, a tensão entre o conhecer e o crer.

A tensão interna ao conhecer faz com que Pascal recuse a metafísica, ou pelo menos, aquela tentativa que a metafísica tem de demonstrar racionalmente a existência de Deus. Fica patente que o alvo desta recusa está na pretensão escolástica de demonstrar a existência de Deus. Para Pascal, o conteúdo da revelação cristã se contrapõe à metafísica. Pascal resume todo o cristianismo em dois ensinamentos fundamentais: o pecado e a redenção.

O Deus dos filósofos pode ser até ser autor de verdades matemáticas. Pode também ser um ser transcendente. Mas será totalmente impessoal e desinteressado em relação aos seres humanos.

Para Pascal, não é suficiente substituir tal Deus por um ser misericordioso e justo, capaz de providenciar tudo aos seres humanos que o adorarem. É um Deus capaz de recompensar pelo amor que lhe atribuem seus crentes. Este ainda não é aquele Deus em quem Pascal crê. Pascal crê no Deus de

Jesus Cristo. Este Deus se fez, ele próprio, ser humano e, unicamente por amor ao ser humano, entregou-se à morte de cruz, a fim que o ser humano fosse libertado do pecado original e fosse capaz de realizar seu anelo de salvação.

Não somente nós não conhecemos a Deus senão por Jesus Cristo, mas não nos conhecemos a nós mesmos senão por Jesus Cristo; não conhecemos a vida, a morte senão por Jesus Cristo. Fora de Jesus Cristo não sabemos o que é nem nossa vida, nem nossa morte, nem Deus, nem nós mesmos. [417]<sup>4</sup>

Cabe, porém, perguntar: Quem será este Deus dos filósofos de que tanto fala Pascal e ao qual ele se opõe? Podemos considerá-lo, sobretudo o Deus de Descartes, cuja doutrina Pascal não mede palavras a considerá-la um forma de deísmo<sup>5</sup>. “Descartes é inútil e incerto” [887]<sup>6</sup>.

Há que dizer, igualmente, que assim como encontramos em Pascal a condenação do deísmo, também temos a condenação da metafísica:

... As provas metafísicas estão tão distantes do raciocínio dos homens e tão implicadas que elas impressionam pouco e, mesmo que isso servisse para algumas, não serviria senão no instante em que eles veem essa demonstração, mas uma hora depois temem ter se enganado. [190]<sup>7</sup>

Não há em Pascal uma separação entre o conhecimento da existência de Deus e o conhecimento da sua essência. Ora, o conhecimento da existência de Deus mostra-se como o objetivo da metafísica. Mas a metafísica não é capaz de nos colocar diante de Deus mesmo, pois ter acesso a Ele, vale dizer, ter acesso à sua essência, àquilo que Deus é em si mesmo só será possível pela fé, enquanto resposta à revelação. Em outras palavras, isso só será possível através do acolhimento da revelação.

---

<sup>4</sup> Ver também *Pensamentos* 449, e verificar a consonância entre o texto de Pascal e um dos textos mais emblemáticos do Concílio do Concílio Vaticano II: “Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente.” (*Gaudium et Spes* 22).

<sup>5</sup> Atenção para não confundir com o teísmo. Este pretende admitir a existência de um Deus pessoal. O teísmo consiste na fé em um Deus transcendente e pessoal que cria, conserva e intervém no mundo. O termo parece ter sido forjado pelo platônico de Cambridge, Ralph Cudworth (1617-1688). Lembremos que Kant distingue bem os termos deísmo e teísmo. A pretensão do deísmo consiste em dar exclusivamente à razão a prerrogativa de tratar de assuntos de religião. Isso implica em crassa negação da revelação, dos milagres e toda intervenção providencial na natureza e na história.

<sup>6</sup> Ver também outras passagens dos *Pensamentos* em que Descartes é alvo de Pascal: 1001, 1005 e 1008.

<sup>7</sup> Ver também a passagem 191 dos *Pensamentos*: “É não somente impossível, mas também inútil conhecer a Deus sem Jesus Cristo”.

O anelo de conhecer a Deus está ligado à salvação enquanto anelo e desejo intrínseco do ser humano. Há uma utilidade para o ser humano em conhecer a Deus. A metafísica não tem nenhum interesse e também não alcança esta utilidade, que se encontra no âmago da pretensão religiosa.

Portanto, a religião sustenta-se não pela pretensão de provar a existência de Deus, mas por possuir as assim chamadas provas históricas e morais: cumprimento das profecias, milagres, testemunho dos mártires, sentimento de consolação e alegria proporcionado pela fé, amor a Deus e ao próximo, etc. Todas essas coisas não pertencem à razão, mas ao coração. E há também que dizer que nem todos os seres humanos as têm como um aspecto que lhes caracteriza.

Todavia, convém esclarecer que nem Descartes — que, aliás, continuou durante toda sua também breve vida um cristão praticante — nem qualquer outro filósofo cristão consideram as provas racionais da existência de Deus como suficientes para alcançar a salvação ou para despertar uma vivência de fé. Para o filósofo cristão, tais provas têm em vista estabelecer uma nítida distinção entre fé e razão. Trata-se de um esforço intelectual, uma vez que as chamadas provas históricas e morais podem ser tachadas de absurdas ou impossíveis.

Diga-se, porém, que Pascal nunca pensou em uma contraposição entre fé e razão. Pascal é totalmente contrário ao “creio, porque é um absurdo”, do paleocristão Tertuliano. Em sua apologia ao cristianismo, Pascal toma o caminho da moral. Isso implica no caminho da aposta (*pari*, em Francês). Trata-se da aposta na existência de Deus. Para Pascal, a razão não tem motivos suficientes nem para afirmar nem para negar a existência de Deus. Diante de tais condições — ou apesar delas —, o ser humano não se pode eximir da sua tarefa de viver. Sua vida será do jeito que ele decidir vivê-la. É diante desta tarefa que Pascal sugere ao ser humano que aposte na existência de Deus, isto é, que o homem viva como se Deus existisse.

Se perder a aposta, o ser humano só perderá bens finitos, ou seja, os prazeres ofertados por este nosso mundo. Se ganhar a aposta, o ser humano, então, ganhará um bem infinito: a felicidade eterna. Pascal também considera a aposta em negativo: Se o ser humano apostar contra a existência de Deus, ou seja, leva uma vida como se Deus não existisse. Se sair vitorioso dessa aposta, ele ganhará unicamente bens finitos. Mas se ele perder, isso significa que perderá um bem infinito. Um mínimo esforço de inteligência, mesmo ponderando a respeito de todos os riscos e renúncias, apontará para apostar na existência de Deus.

O célebre e longo fragmento 418 conclui-se com a afirmação de que o discurso pascaliano é proferido “de joelhos”. A essência de sabedoria exprime-se numa atitude orante. A posição corporal de

estar ajoelhado denota esperança, confiança, entrega e abandono da parte do crente para com seu Deus. A irmã de Pascal, Gilberte, relata-nos que sua última frase no leito de morte foi: “*Que Dieu ne m’abandonne jamais!*” (Que Deus nunca me abandone). A sabedoria de Pascal até o último momento se mostra toda consciente da grandeza e miséria que se é.

## Referência

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Edição, apresentação e notas de Louis Lafuma. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. VAZ, Henrique. **Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História**. São Paulo, Loyola, 2001